

COUTO, M. M. L. Metáforas conceituais nas eleições estadunidenses: um estudo de reportagens. *ReVEL*, v. 23, n. 44, 2025. [www.revel.inf.br].

Vou pôr mais um tijolinho nessa construção: os empregos do verbo *pôr* no português brasileiro

Marcella Monteiro Lemos Couto¹

marcella.couto@ifsp.edu.br

RESUMO: A relação entre o conteúdo semântico de um verbo e as estruturas argumentais em que ele pode aparecer é um tema amplamente debatido nas teorias linguísticas contemporâneas. Essa discussão é significativa porque envolve a análise da contribuição de cada componente da gramática na definição do sentido que um verbo adquire em uma sentença. Neste artigo, serão examinadas as construções com o verbo *pôr*, que é uma classe dos verbos de colocação [putting verbs] (Levin 1993), com foco em suas construções como um verbo semanticamente vazio, em outras palavras, construções com *verbo leve*.

PALAVRAS-CHAVE: verbo leve; valência verbal

ABSTRACT: The relationship between the semantic content of a verb and the argument structures in which it can appear is a widely debated topic in contemporary linguistic theories. This discussion is significant because it involves analyzing the contribution of each grammatical component to defining the meaning a verb acquires in a sentence. This article will examine constructions with the verb *pôr* (to put), which belongs to the class of [putting verbs] (Levin 1993), focusing on its constructions as a semantically empty verb, in other words, constructions involving a light verb.

KEYWORDS: light verb; verbal valency

Introdução

As construções com verbos leves (**CVL**) (Perini, 2019), também conhecidas como construções com verbo-suporte (**CVS**) (Gross, 1981; Ranchhod, 2021 e outros), representam um desafio intrigante para as teorias linguísticas devido à sua estrutura sintático-semântica não convencional. Essas construções, muitas vezes, transcendem o significado literal dos verbos, englobando nuances aspectuais. Esta pesquisa busca compreender a complexidade de construções como essas formadas pelo verbo **pôr**, explorando suas características sintáticas e semânticas, assim como sua relevância no contexto linguístico do português brasileiro (**PB**). A presente investigação será baseada

¹ Mestra em Linguística pela UFMG, doutoranda em Linguística pela UFSCar e professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo.

em ocorrências de construções desse verbo extraídas do corpus do *NILC*². Além disso, foi necessário incluir alguns exemplos criados. Segundo Talmy (2005), cada metodologia tem um perfil diferente, mas só a introspecção tem acesso exclusivo ao significado. Portanto, no presente estudo não me limitei a observar dados provenientes de corpus, mas utilizei também o conhecimento de falante nativa do **PB**.

Aqui o ponto de partida é o de uma abordagem predominantemente descritiva, visando oferecer uma visão abrangente e sistemática dessas construções. A coleta e análise de dados de corpus de língua escrita são fundamentais para isso, permitindo assim uma compreensão mais precisa de suas propriedades sintáticas e semânticas. Para este trabalho, interessa analisar a construção como um todo. Assume-se que o verbo **pôr** funciona em construções como verbo pleno, mas também em construções como um *verbo leve* (Perini, 2019). Assim, forma-se uma construção não prototípica do verbo, em que não há um evento de colocação literal.

Um dos objetivos principais desta pesquisa é o de estabelecer um *continuum* para essas construções que compreende tanto **construções de colocação literal** quanto **construções de colocação metafórica**. A respeito dessas últimas, a hipótese é a de que o verbo **pôr** opera como um suporte para o termo nominal, formando assim uma **CVL**.

Do ponto de vista teórico, há a necessidade de definir o significado semântico e sintático dessas construções. Elas representam unidades semânticas mínimas, uma vez que a maioria dos dicionários monolíngues as utiliza para desmembrar o significado de verbos mais complexos? Ou elas se constituem em unidades gramaticalizadas presentes em construções verbais leves que perderam seu significado original, mas ainda mantêm a capacidade de selecionar argumentos?

Considerando a interação entre a estrutura semântica, determinada pelas restrições de significado relacionadas às construções com o verbo **pôr** atuando em sua forma leve e a organização sintática das sentenças, emergem três questões centrais a serem abordadas: (i) demonstrar que construções metafóricas são majoritariamente compostas por **CVL**; (ii) justificar a necessidade de analisar tais construções de maneira não composicional; e (iii) propor um modelo descritivo para essas construções.

² Com mais de 5 ocorrências (Disponível em: <http://www.linguateca.pt/aceso/corpus.php?corpus=SAOCARLOS>. Acesso em 01/10/2024)

A partir deste ponto, na seção 1, são discutidas as contribuições de diversos autores sobre a semântica e a sintaxe do verbo **pôr**. Na seção 2, detalha-se a metodologia adotada para a análise. A seção 3 explora o fenômeno investigado, com foco em contextos que geram interpretações não literais. Na seção 4, apresentam-se as classificações das diferentes construções analisadas. Por fim, na seção 5, são expostas as conclusões da pesquisa, seguidas pela lista de referências bibliográficas.

1. Verbo pôr na literatura

Levin (1993), em seu trabalho de classificação verbal, oferece uma contribuição substancial para o estudo da linguagem, fornecendo uma estrutura sólida para a compreensão dos verbos e suas alternâncias no contexto da língua inglesa. Em seu livro *English Verb Classes and Alternations*, é dedicada uma seção específica à análise dos verbos de colocação, intitulada *Verbs of Putting* (Levin, 1993: 111 - 122). Essa categoria destaca-se por envolver a ação de posicionar objetos em diferentes locais e configurações espaciais. São identificadas diversas classes de verbos de colocação, como: *arrange, immerse, install, lodge, mount, place, position, put, set, sling, stash e stow*. Cada verbo, dentro dessas classes, compartilha características semelhantes em relação à ação de colocação, isto é, envolvem a ação de *posicionar um objeto em determinado local*. A indicação do local é feita por meio de uma expressão prepositiva que utiliza diversas preposições locativas. Esses verbos não são utilizados de forma intransitiva. Alguns deles apresentam formas nominais relacionadas a zero, as quais possuem uma variedade de significados.

Em uma outra perspectiva, De Oliveira Plais (2017) realiza uma análise da valência do verbo **colocar** no **PB**. Em sua pesquisa, ela argumenta que as diáteses³ associadas a esse verbo são caracterizadas por incluir em seus esquemas os papéis de agente, tema e meta. Em alguns casos, é possível omitir os dois últimos papéis. O estudo também explora como a semântica lexical influencia a regência do verbo, além de examinar a relação entre a valência verbal e a estrutura sintática da oração em que ele aparece. Ela define as diáteses de colocação para o verbo **colocar** como:

³ Perini (2008, 2015, 2016, 2019), ao discutir o conceito de valência verbal, define-o como o conjunto de estruturas, chamadas diáteses, nas quais um verbo pode ocorrer, servindo como um critério para classificar os verbos. Em vista do que define o autor, só é considerada “diátese” as construções que servem para subcategorizar o verbo.

D6: Suj V> agente V SN> tema

(1) *Jonas colocou café*

(sujeito: *Jonas*; verbo: *colocou*; agente: *Jonas*; tema: *café*)

(2) *Jonas derrubou o café*

(sujeito: *Jonas*; verbo: *derrubou*; agente: *Jonas*; tema: *café*)

(3) *Jonas descarregou toda a mercadoria sozinho*

(sujeito: *Jonas*; verbo: *descarregou*; agente: *Jonas*; tema: *toda a mercadoria*)

De Oliveira Plais (2017) observa que a semântica lexical exerce influência sobre a regência do verbo **colocar**, pois o significado das palavras que o acompanham pode impactar a seleção dos complementos exigidos pelo verbo. Particularmente isso é importante para esta pesquisa, porque é justamente nessa lacuna em que se tenta ‘pôr mais tijolos’. Além disso, o verbo **colocar**, na grande maioria dos contextos, pode ser intercambiável com o verbo em estudo, o **pôr**. A autora conclui que o verbo **colocar** pode ser usado com diferentes complementos. A escolha dos complementos pode depender do significado das palavras que acompanham o verbo. Há também o reconhecimento da relevância de uma investigação conduzida dentro de frases simples, que engloba os argumentos fundamentais e indispensáveis. Esse método de análise não apenas destaca as diversas acepções do verbo, mas também revela os diversos critérios pelos quais ele seleciona e impõe restrições sintático-semânticas.

Rodrigues (2016), em sua dissertação, descreve as construções verbais locativas do **PB**, com ênfase na análise contrastiva entre estudos que englobam esse fenômeno nas variantes brasileira e europeia da língua portuguesa. A autora destaca a importância de compreender as propriedades das construções verbais locativas, incluindo a relação de localização estabelecida entre os elementos da frase, o papel das preposições e advérbios na expressão de localização e a diferença entre mudança de lugar e mudança de posse. A dissertação contribui para os estudos desse fenômeno linguístico, enriquecendo o entendimento das variantes brasileira e europeia da língua portuguesa.

Já em sua pesquisa de doutoramento, Rodrigues (2019) propõe a terminologia de *adjunto cênico e argumento locativo*, afastando-se do termo *complemento* e destacando a relevância da análise do Léxico-Gramática (**LG**) para a descrição minuciosa e replicável das construções verbais locativas. A pesquisa discute a importância do locativo na estrutura das frases, apresentando testes formais que

permitem diferenciar adjuntos cênicos de argumentos locativos. Além disso, a tese apresenta um estudo minucioso sobre a base teórico-metodológica do **LG** e descreve a sistematização sintático-semântica das construções verbais locativas em língua espanhola.

Primeiramente, a análise da importância do locativo na estrutura das frases oferece *insights* valiosos para compreender como esses verbos funcionam em contextos específicos. Os testes formais propostos pela autora para diferenciar adjuntos cênicos de argumentos locativos podem ser aplicados de maneira útil para examinar o comportamento desses verbos em diferentes situações. Além disso, a sistematização sintático-semântica das construções verbais locativas estudadas pode servir como um referencial teórico valioso para investigar as nuances das estruturas de frases que envolvem o verbo desse estudo nesse contexto linguístico específico. Portanto, a pesquisa da autora oferece uma base teórica sólida e ferramentas analíticas que podem ser aplicadas de maneira pertinente a este estudo.

De maneira geral, esses estudos convergem para demonstrar que a compreensão dos verbos de colocação e suas alternâncias vai além da sintaxe. A partir dessas bases teóricas, é possível aprofundar a análise do comportamento desses verbos em diferentes contextos linguísticos, contribuindo para a construção de uma visão integrada do fenômeno.

Moura (2002, 2005, 2006 e 2012) realiza estudos demonstrando que a interpretação de enunciados metafóricos está ancorada em padrões de significados literais. A análise das metáforas revela a interdependência entre linguagem e pensamento, na qual a estrutura de um sistema influencia diretamente o outro. O autor elenca três fatores que estão presentes no uso metafórico desses verbos:

- a) os elementos nucleares dos *frames* aos quais esses verbos estão associados;
- b) as alternâncias sintáticas desses verbos;
- c) afetação da Meta, quando esta é marcada sintaticamente, no uso desses verbos.

(Moura, 2012:19)

Com base nesse pressuposto, propõe-se que a afetação da meta é um determinante para a construção de colocação metafórica com o verbo **pôr**, como demonstrado no exemplo a seguir em que *a festa* é afetada pela ação de *João*:

(4) *João pôs fim na festa*

No entanto, a afetação da meta do objeto preposicionado não é o único determinante da metáfora, já que o verbo **pôr** assume o papel de um operador causativo que também pode ser observado em construções como:

(5) *O palhaço pôs medo nas crianças*

Além disso, levanta-se outra hipótese, a de que o verbo **pôr** também forma construções com uma relação temática elaborada chamada aqui de *emoção*. Isso ocorre quando o substantivo que expressa essa *emoção* ocupa a posição de objeto, resultando em um uso em que o verbo está semanticamente esvaziado, como em:

(6) *João põe paixão em suas obras*

Nesse último exemplo, considera-se que o sujeito atua como um agente da *emoção* que é transmitida para o objeto ou para alguma atividade.

Geralmente, aceita-se que as relações semânticas são atribuídas a todos os complementos elegíveis, considerando a grade temática do verbo da oração, ou seja, sua valência⁴. No entanto, Perini (2022) defende que esse modelo é demasiadamente simplificado para abranger a complexidade do sistema de atribuição, que engloba não apenas outros elementos gramaticais, mas também fatores extralinguísticos intimamente ligados ao conhecimento do mundo.

Em todos os exemplos abaixo, temos a realização sintática de construções de colocação que podem ser descritas, tal qual Perini (2009) sugere, como: [**Suj** agente + **V pôr** + **SN1** nome + em **SN2**]. Em uma construção de colocação, com verbos tidos como de colocação, espera-se que o esquema evocado pelos verbos tenha um sujeito agente; o objeto deslocado codificado como tema; e o local em que esse objeto foi colocado, codificado como meta. No entanto, ao analisarmos o nível semântico das construções dos exemplos abaixo, notamos que não existe a mesma distribuição de papéis temáticos aos seus argumentos verbais:

(7) *Você tem necessidade de pôr nome nos personagens*

⁴ Em linguística, a noção de valência (emprestada da área da química), que ganhou visibilidade a partir dos estudos de Tesnière (1959), está relacionada à estrutura sintática e semântica de predicado-argumento.

- (8) *Toyota põe nome na Libertadores*
- (9) *[...] alguns irão pôr seu nome na boca do sapo*
- (10) *Tira nome, põe nome, essa brigalhada toda pelas presidências do Senado e da Câmara [...]*

A sentença (7) traz o sentido de *nomear algo ou alguém*. Nesse caso, o objeto preposicionado não receberia o papel semântico de *meta*, justamente por não se tratar de um elemento locativo alvo da colocação. O que ocorre é uma afetação: *os personagens foram nomeados* no sentido de *o personagem recebeu um nome* e, como consequência, *os personagens passaram a ter nomes*. A sentença (8) retrata uma situação de *expor* (ou *divulgar*) *o nome da Toyota na libertadores*. Os dois últimos exemplos, (9) e (10), são de construções que podem ser chamadas de colocação literal. Pode-se dizer que o verbo está em sua forma plena e o esquema de colocação que o verbo **pôr** evoca fica realizado. Especificamente, em (10), apesar de não realizado, o *locativo* (*meta*) em que se *coloca e tira nomes* fica subentendido, provavelmente, *em alguma lista*. Na construção (7), em que é possível substituir o [**pôr** + **SN nome**] pelo verbo [*nomear*], notamos a seguinte dualidade: de um lado, ela é constituída por estrutura sintática idêntica às restantes; por outro lado, sua estrutura semântica não é a mesma. Essa dualidade entre a sintaxe e a semântica provenientes dessas construções determina características linguísticas em vários níveis da gramática:

- O núcleo sintático e o núcleo semântico da construção não coincidem. O verbo atua como o núcleo sintático e o substantivo, como o núcleo semântico;
- O significado da construção como um todo não pode ser completamente previsto com base no significado de suas partes;
- Essas construções podem ser situadas tanto entre construções produtivas de verbo + nome (predicativo), quanto entre as expressões idiomáticas, em termos de sua produtividade e composicionalidade;
- As construções com verbos leves podem ter um equivalente verbal. Quando isso ocorre, muitas vezes, esse equivalente é da mesma raiz que o componente nominal.

Existem ainda construções para as quais embora exista uma contraparte verbal, não necessariamente haverá uma correspondência de um-para-um no tocante ao seu significado. Os exemplos a seguir são demonstrações dessas ocorrências da diferença entre [*pôr* + *nome*] e seu verbo correspondente: (11) *pôr avisos* não é o mesmo que

avisar; (12) *pôr barreiras* não é o mesmo *barrar*; (13) *pôr freio*, não é o mesmo que *frear*:

(11) *Os condomínios terão prazo de dois meses para pôr avisos nos elevadores*

(12) *A via acadêmica e racional põe barreiras na linguagem*

(13) *[...] sendo ela a única pessoa que consegue pôr freio às suas loucuras*

Da mesma maneira que *pôr amor nas coxinhas* não é o mesmo que *amar as coxinhas* nem mesmo que *as coxinhas ficam com amor*, isto é, não há transferência do objeto para um locativo, como em:

(14) *Primeiro a limpeza, depois o tempero, tem que pôr amor nas nossas coxinhas*

2. Metodologia

Ao proceder à classificação das construções, foi necessário propor uma análise. Trata-se, então, de uma análise descritiva, baseada em traços semânticos e comportamento sintático. Por essa razão, acredita-se que utilizar a gramática de construções como parte do fundamento teórico oferece uma vantagem significativa ao evitar a necessidade de lidar com expressões idiomáticas como anomalias, casos excepcionais ou fenômenos linguísticos marginais. Isso possibilita uma análise abrangente dos padrões sintáticos e semânticos que abarca uma ampla variedade de usos do verbo **pôr** sem precisar categorizar alguns deles como casos excepcionais.

A notação utilizada será a proposta por Goldberg (1995), incorporando algumas adaptações sugeridas por Perini (2008). Informações não relevantes para a descrição foram excluídas. A partir disso, se chega à seguinte notação para a frase a seguir:

(15) *Maria pôs o bolo na mesa*

<i>Sem[ântica]:</i>	agente	<i>pôr</i>	tema	<i>meta</i>
	↑	↑	↑	↑
<i>Sin[taxe]:</i>	Suj	verbo	SN1	em + SN2

Ambas as notações são simbólicas e incorporam traços sintáticos e semânticos, porém, há uma diferença significativa entre as formulações de Goldberg (1995) e Perini (2008, 2015). Este último opta por não incluir os traços do verbo, defendendo que a presença de papéis semânticos é indispensável. Isso porque a construção que subclassifica o verbo necessita especificar qual complemento sintático cada um desses papéis veicula, portanto, a atribuição de papéis semânticos é essencial para associá-los a complementos sintáticos específicos.

Também se recorre ao conceito de elaboração de Perini (2008, 2019), que se refere à expressão em um nível de esquematização. A relação de elaboração permite identificar as conexões que são reconhecidas como subjacentes a esquemas mais abstratos ou, de forma inversa, manifestadas em termos menos abstratos. O autor (*op. cit.*) argumenta que as relações semânticas entre um verbo e seus complementos devem ser analisadas em múltiplos níveis de abstração. Níveis mais esquemáticos tendem a ser essenciais para a descrição gramatical, enquanto níveis mais detalhados são necessários para conectar estruturas gramaticais à interpretação final da frase, isto é, à construção da paisagem mental. Perini (2008) apresenta um exemplo ao comparar as sentenças *O menino chutou o gato* e *O menino comeu a maçã*. Embora a análise tradicional classifique o menino como o agente em ambas as sentenças, o autor argumenta que as relações não são idênticas. A interpretação do usuário da língua vai além do agente, incluindo relações mais elaboradas, como o *chutador* na primeira sentença e o *comedor* na segunda. Ele sustenta ainda que as relações esquemáticas (como agente) e as relações elaboradas (como *chutador*, *comedor*) são necessárias na análise linguística. Para ele, a hipótese de que a análise linguística pode prescindir das relações temáticas esquemáticas é considerada incorreta, pois dificultaria a subclassificação de verbos de acordo com os papéis temáticos de seus complementos. Em vez disso, o autor propõe uma regra de ligação que sugere uma tendência na língua para codificar o agente como o sujeito, sendo as relações mais elaboradas consideradas como elaborações do agente esquemático. Aqui, quando se fala das relações elaboradas do tipo *chutador* ou *comedor*, é marcado em *itálico*; ao se mencionar relação mais esquemática, isto é, quando tratar de papéis temáticos participantes das construções, utiliza-se fonte diferenciada.

Apesar do potencial, este trabalho adota apenas as relações temáticas esquemáticas, isto é, os papéis temáticos, devido à sua maior adequação para utilização dos dados para tarefas de processamento de linguagem natural (PLN). A inclusão

explícita das relações temáticas elaboradas (*RTE*) seria mais adequada em contextos específicos, como extração de informações e outras tarefas. Para preservar a consistência do modelo de valência e construções, foi decidido representar o aspecto semântico dela exclusivamente em relação aos papéis temáticos.

Outro conceito estabelecido neste trabalho é o critério de semelhança semântica (Perini, 2008) que propõe que um número limitado de *RTEs* é suficiente para explicar os fenômenos da língua. Em outras palavras, uma *RTE* abrange uma ampla variedade de relações mais específicas, como *o que morre, o que emagrece, o que é pintado, o que é derrubado* etc. A partir da informação semântica fundamental associada ao papel de afetado (*aquilo que muda de estado*), construímos essas relações mais específicas com base na semântica do verbo e de outros elementos da sentença.

Para ilustrar o critério de semelhança semântica, serão examinadas as construções a seguir. Existem verbos que descrevem a relação entre um experienciador (*experimenta um estado psicológico ou sensorial*) e um estímulo (*causador de um estado psicológico ou sensorial*). Couto (2017:32) propõe a análise subsequente:

- (16) a. *Luana está em NY*
b. *Luana está em depressão*
c. *Luana foi da euforia para a depressão*
d. *Luana foi de SP para NY*

As orações de (a) a (d) compartilham uma estrutura sintática semelhante, incluindo o uso consistente das preposições. Contudo, semanticamente, (a) e (d) representam locais físicos, enquanto (b) e (c) representam ‘locais’ psicológicos. A palavra *depressão* sugere um estado psicológico. Em (16), uma análise semântica baseada apenas no significado da palavra *depressão* atribuiria ao **SN₂** (*em depressão*) a descrição de estado psicológico. A comparação semântica entre as orações destaca que, em (a), o local é físico, enquanto em (b), mesmo que revele um estado ou qualidade do sujeito, este é representado por um lugar psicológico. Essa distinção deriva da elaboração dos traços semânticos dos itens *Nova York* e *depressão*, respectivamente. A ideia central é que, embora exista uma óbvia diferença entre *em Nova York* na frase (a) e *em depressão* na frase (b), a língua não expressa gramaticalmente tal diferença. Em outras palavras, a diferença de relações semânticas provém do nosso conhecimento

sobre o que é uma *cidade* e o que é uma *depressão* – não se trata de conhecimento linguístico, mas de conhecimento geral do mundo. Para a descrição gramatical, é suficiente usar os papéis semânticos esquemáticos conforme indicado acima; a elaboração é deixada para a semântica dos itens lexicais, juntamente com o conhecimento do mundo. Esses fatores impedem que se interprete *em Nova York* como um estado psicológico ou *em depressão* como uma localização geográfica. (Couto, 2017:32)

Por fim, é feita uma nota importante sobre as nomenclaturas. Utiliza-se, ao discutir as construções verbais, o termo construção com verbo leve (CVL) ao invés de construção com verbo suporte (CVS) para descrever um fenômeno linguístico específico relacionado à valência do verbo analisado. Ambos se referem aos mesmos arranjos sintático-semânticos nos quais um verbo principal, geralmente designado como leve, se combina com um complemento para expressar certos aspectos temporais e/ou modais da ação.

3. Análise do fenômeno

Em primeiro lugar, deve-se explicar o que se sugere como construção literal de colocação. Aqui, apesar de usar o termo ‘literal’, mais um dos quais não há consenso na literatura, este é considerado o sentido mais próximo da etimologia da palavra e mais distante da linguagem figurada. A etimologia do verbo em estudo pode fornecer percepções sobre o fenômeno investigado. Observemos a etimologia do verbo **pôr** no Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (Cunha, 2019). **Pôr** significa *colocar, depor, impelir*. Sua forma antiga era *poer* no século XII, derivada do latim *pônere*. A forma *contrapor* surgiu no século XVI a partir do latim tardio *contrapônere*. A palavra *contraposição* derivou do latim tardio *contrapositio* no século XVII. *Repor* surgiu no século XVI, derivado do latim *repônere*. A palavra *contraposto* também se relaciona com outras, como *antepor, apor, compor*, e outras que compartilham o elemento **pôr**. Isso demonstra como a palavra **pôr** e suas derivações têm raízes profundas na língua latina e passaram por diversas transformações ao longo dos séculos.

No dicionário eletrônico Houaiss existe a seguinte nota a respeito do verbo **pôr**:

a) em algumas frases, **pôr** funciona como verbo pleno, com seu próprio significado (p.ex., pôr a palma da mão para baixo = colocá-la nessa posição); enquanto em inúmeras outras, faz de verbo-suporte, constituindo com o

substantivo que lhe segue um todo semântico (p.ex., pôr em destaque = destacar; pôr termo = terminar; pôr em movimento = movimentar etc.); a.1) neste segundo caso, a função do verbo oscila entre a de um elemento de semântica quase vazia e a de um verbo não exatamente pleno, mas ainda portador de certo valor semântico maior ou menor, conforme o caso; o estabelecimento de seu sentido depende dos substantivos que com ele ocorrem na posição de objeto; b) o verbo pôr funciona como auxiliar aspectual quando seguido de a + verbo no infinitivo e indica 'começo da ação': pôs-se a cantar (cf. aspecto ling); c) us. com a ou para mais infinitivo, ou a ou em mais um substantivo de ação, significa 'fazer alterar um estado, condição ou situação': vamos p. a funcionar esse motor; acabou pondo para correr aquela gentilha [...] (Houaiss eletrônico, 2009)

A distinção feita entre **pôr** como verbo pleno e como verbo-suporte é válida, mas a categorização poderia ser mais precisa. A oscilação mencionada entre semântica quase vazia e semântica não totalmente plena sugere que há uma gradação no significado do verbo, mas essa gradação não é devidamente explicada. Além disso, agrupar *pôr em destaque* com *pôr termo* parece simplista demais.

Lakoff e Johnson (1980) argumentam que as metáforas não são apenas figuras de linguagem, mas refletem maneiras fundamentais pelas quais entendemos o mundo. Uma ideia central é que grande parte do pensamento humano é metafórico e baseia-se em concepções físicas do corpo e experiências sensoriais. Eles (*op. cit.*) exploram metáforas conceituais fundamentais, muitas vezes relacionadas ao corpo humano, que estruturam a compreensão de conceitos abstratos.

(17) [...], *mas acha impraticável pôr uma estação rádio-base em cima da mesa*

(18) [...] *enquanto punha caixotes num caminhão no centro de Amã*

(19) *Geraldo Alckmin começa a pôr o bloco na rua, como candidato*

Neste trabalho, um grande desafio é o de que o verbo em estudo ocorre em construções de colocação literal, como em (17) e (18), mas, em grande parte, suas ocorrências se dá em construções de colocação metafórica ou expressões cristalizadas, como em (19). A hipótese é que isso deve-se ao fato de que esse é um verbo que necessita de um movimento, pode ser intermediado por um corpo, como apontam os autores (*op. cit.*) a respeito das metáforas.

Por essa razão, parte-se do mais básico na realização da análise semântica. O esquema do verbo [**PÔR**] evoca um *sujeito que age sobre algo e o deixa em determinado local*, isto é, há um movimento que resulta em uma *colocação*. Estabelecer a conexão entre uma função semântica e uma de suas elaborações implica

a criação de uma trilha cognitiva que conecta um ao outro, e vice-versa. Portanto, se o falante deseja expressar a informação de que *alguém pôs alguma coisa em determinado lugar*, ele precisa criar uma trilha cognitiva entre a relação elaborada, *quem põe*, isto é, *o colocador*, e o papel semântico de *agente*. Isso se dá com base em informações como a valência de **pôr**, que estipula que seu sujeito é o *agente* ou *desencadeador*, mas também na regra geral que associa *agentes* e *sujeitos* em geral, como comprova Perini (2015). É importante observar que não há uma regra que conecta diretamente o sujeito à relação *quem põe* ou a qualquer relação altamente elaborada. Então, vejamos:

(20) [...] *retorquiou ele pondo o copo de refresco em cima da mesa redonda*

Em (20), o *copo* sofre uma mudança locativa, de um lugar físico, *as mãos dele*, para outro lugar físico, *a mesa*. Além disso, sabemos que *copo* é um elemento que, geralmente, manipulamos com as mãos, por isso, pode ser posto, fisicamente falando, em algum local. Assim como *em cima da mesa*, é compreendido, por uma série de fatores, que se trata de um *lugar*, a começar pela primeira pista, a preposição *em*. Prototipicamente, essa preposição antecede elementos locativos:

(21) *Me encontro com Lucas no transporte público*

(22) *Existem lindas praias no litoral paulista*

Digamos então que, quando o verbo **pôr** é usado em sua forma plena, ele mantém a capacidade de expressar a ação de *colocar ou dispor algo em um determinado lugar ou posição*, como em:

(23) *Ela decidiu pôr flores frescas na mesa todos os dias.*

O verbo **pôr** está sendo usado, em (23), como um verbo pleno para indicar a ação de *colocação das flores na mesa*, uma ação física. Porém, note que, mesmo em sua forma plena e em uma construção, notadamente, física – digo isso, porque é diferente de *pôr uma ideia no mundo* ou *pôr uma ideia em prática* ou *pôr ideia no papel* - nuances de significados também acontecem em:

(24) *Ele punha dinheiro debaixo do colchão*

Intuitivamente, sabemos que *pôr dinheiro debaixo do colchão* é uma construção com verbo pleno. Isso acontece, provavelmente, porque realizamos a conexão entre *debaixo do colchão*, um sintagma adverbial transparente em seu significado e um verbo que pode funcionar em construção de colocação ou transferência locativa de algo. No entanto, temos outro sentido em:

(25) *Ele punha dinheiro no CDB*

Apesar do complemento *no CDB*, isto é, um investimento bancário, ser um elemento que poderia funcionar como um locativo, temos uma construção equivalente à construção: *ele investia dinheiro no CDB*.

Devido à sua falta de significado semântico, os verbos leves podem prontamente incorporar várias adições de sentido. Esse é um dos motivos por acreditar-se que esse verbo faz parte da classe de verbos semanticamente plenos que compartilham o mesmo comportamento sintático dos verbo-suporte, conforme Mel'čuk (2004) defende.

Perini (2022) argumenta que fatores externos à linguagem, como o contexto situacional, o conhecimento prévio sobre o mundo e outras influências que não são de natureza lexical ou gramatical, desempenham um papel importante na definição das relações temáticas em uma sentença, superando as características próprias do verbo principal. As sentenças abaixo são exemplos nítidos da afirmação do autor:

(26) *Cultiva uma inata polidez, mas põe paixão em tudo o que faz*

(27) *Então decidimos pôr a mão na consciência*

Em (26), *pôr paixão* é uma linguagem figurada para se referir a *fazer as coisas com paixão, com entusiasmo*. Já em (27), *pôr a mão na consciência* é uma expressão fixa. Perceba que os nominais *paixão* e *mão* são da classe dos substantivos, mas são diferentes. *Paixão* pode se unir ao verbo **ter** e formar uma **CVL**:

(28) *Ana tem paixão por João*

A palavra *paixão*, em (28), já evoca um *experienciador* e um objeto pelo qual se está apaixonado, ou seja, um *estímulo*. Além disso, *paixão* não é algo que possamos manipular fisicamente. Diferentemente de *mão*, que é um substantivo concreto, *paixão* é classificada pela gramática tradicional como substantivo abstrato. Enquanto *mão* não é um nome predicativo (Npred) nem nome valencial, não evocando argumentos, *paixão* insere-se em uma categoria que sugere maior potencial de construção metafórica. Sabendo que *paixão* não pode ser colocada fisicamente em um lugar ou manipulada, podemos inferir que, quando nos deparamos com substantivos abstratos, há uma tendência a encontrarmos construções metafóricas, o que implica uma interpretação mais leve do verbo. Por outro lado, substantivos concretos como *mão* indicam, geralmente, construções literais e físicas. Contudo, essa distinção não se mantém absoluta, como mostram exemplos como *pôr a mão na consciência* ou *pôr dinheiro debaixo do colchão* em contraste com *pôr dinheiro no CDB*.

Analisou-se nessa seção a versatilidade do verbo **pôr**, que pode funcionar como verbo pleno em contextos literais (ex.: *pôr a mão na mesa*) ou como verbo leve em construções metafóricas ou idiomáticas (ex.: *pôr fim na festa*). Essa dualidade revela uma gradação semântica, variando entre significados mais definidos e outros quase vazios, dependendo do contexto e dos substantivos associados. Também, ressalta-se a importância do contexto situacional e do conhecimento prévio na interpretação do verbo, reforçando que a semântica de **pôr** é moldada por fatores linguísticos, cognitivos e contextuais, evidenciando sua complexidade e relevância para estudos gramaticais e cognitivos.

4. Classificação semântica e sintática do verbo pôr

Nesta seção, apresentam-se os critérios formais utilizados para classificar as construções que envolvem o verbo em estudo. Parte-se do pressuposto de que a classificação aplicada considera a estrutura em que o verbo está inserido, ou seja, sua construção. As construções de colocação literal envolvem um *sujeito que desloca algo de um lugar para outro*, resultando em uma alteração locativa. Contudo, o verbo em questão também ocorre em construções que se afastam dessa definição, sendo categorizadas como **CVL**. Esse verbo, por sua alta produtividade, são frequentemente empregados em contextos metafóricos, substituindo outros verbos e permitindo maior criatividade no discurso.

Em todas as suas ocorrências, o verbo **pôr** seleciona um agente ou desencadeador na posição de sujeito da sentença. O que vai diferenciar as construções são as preposições que encabeçam o argumento e os papéis temáticos atribuídos a esses argumentos.

(29) [O João]**x** pôs [um livro]**y** [sobre a mesa]**z**

No exemplo (29), o verbo pleno **pôr** denota uma mudança de localização de uma entidade **y**, sendo transferida para **z** como resultado de uma situação eventual intencional de **x**; há presença de um *controlador* (*agente*). Essa dinâmica envolve uma mudança de localização e transferência, conceitos essenciais discutidos por Dowty (1979). A presença de um agente encontra-se preservadas em construções leves, como:

(30) [O João]**x** pôs [luz]**y** [sobre a questão]**z**

No exemplo (30), o verbo pleno **pôr** indica o resultado de uma situação eventual intencional de **x**; o controle da ação é exercido por **x**. Porém já vimos que o sujeito tanto pode ser agente como um desencadeador nessas construções, então:

(31) [O debate]**x** pôs [luz]**y** [sobre a questão]**z**

A estrutura da construção com verbo leve, em (31), não mantém a noção de transferência literal de **y** para **z**. Para essas construções, a seleção do tema denota um *evento* e não uma *entidade*. “Podemos definir um verbo leve como aquele que pode ter um complemento com o papel semântico especificador de evento em pelo menos uma de suas diáteses [...]” Por essa razão, receberia o papel de especificador de evento, termo utilizado por Perini (2017).

A seguir discuto as construções em que o verbo **pôr** ocorre em **PB**.

4.1 Construção de colocação literal

A representação da construção de colocação literal segue abaixo:

(32) *Alguém deve tê-la posto na minha bolsa.*

Suj> agente **[PÔR]** **SN1**> tema *em/sobre/sob* + **SN2**> meta

Portanto, de acordo com os critérios estabelecidos acima, este exemplo se enquadra como uma construção de colocação literal. Ele descreve uma ação de colocação (*pôr algo*) em um local específico (*na minha bolsa*), em que ambos os sintagmas nominais têm sentido literal.

Leva-se em consideração o teste de Rodrigues (2016) para identificação do elemento locativo na representação da meta. Isso quer dizer que se for possível dizer: **SN1** está em **SN2** e o elemento de **SN2** for um *locativo*, será uma construção de colocação literal. O que faz dela uma construção de colocação literal é justamente os papéis envolvidos de agente na posição de **sujeito**, um tema em **SN1** e a meta representada por *preposição* + **SN2** ou um adjunto adverbial de lugar.

4.2 Construção com verbo leve (CVL)

Adapto aqui o modelo de Rassi (2015:100) para separação das construções fixas das demais e suas aplicações com o verbo em estudo conforme demonstrado abaixo:

[1] se o sujeito é fixo, então trata-se de uma expressão cristalizada (**EC**).

[2] mas, se o sujeito não é fixo, analisamos os outros complementos:

[2.1] Os outro(s) complemento(s):

[2.1.1] se pelo menos algum complemento é fixo, a construção é uma **EC**.

[2.1.2] Se todos os complementos forem livres:

[2.1.2.1] **SN1** tem sentido literal, apresenta o traço [+alienável] e o determinante é livre, então:

[2.1.2.1.1] se **SN2** for um *locativo* com sentido literal de meta da colocação: **construção literal de colocação**.

[2.1.2.1.2] se **SN2** for *afetado*: **CVL de mudança de estado**.

[2.1.2.1.3] se **SN2** não tem sentido literal (é um Npred, ou nome concreto de ação, ou nome abstrato), apresenta o traço [-alienável] e o determinante não é livre e for um *evento*

(especificador de condição): **CVL inceptiva de condição.**

[2.1.2.2] **SN1** não tem sentido literal (é um Npred, ou nome concreto de ação, ou nome abstrato), apresenta o traço [-alienável], o determinante não é livre e é especificador de evento: **CVL**

[2.1.2.2.1] se **SN2** for uma atividade: **CVL de modo.**

[2.1.2.2.2] se **SN2** for um receptor de algo comunicado (meta da comunicação): **CVL de comunicação.**

[2.1.2.2.3] se **SN2** for um afetado ou experienciador: **CVL de mudança de estado.**

[2.1.2.2.4] se **SN2** for um especificador de condição: **CVL inceptiva de condição.**

Há o papel temático de especificador de condição em, por exemplo, *pôr a pauta em votação* ou *pôr o cargo à disposição*, justamente porque o verbo é capaz de assumir um complemento (**SN2**) que expressa uma *condição específica* em relação à *pauta* e *ao cargo*, respectivamente.

Abaixo, cada uma dessas construções será detalhada com exemplos.

4.2.1 CVL de modo

(33) *E ponha imaginação nessa tarefa*

Suj> agente [**PÔR**] **SN1**> esp. de evento *em*+**SN2**> atividade

Temos em (33): **SN1** (*imaginação*), que não tem sentido literal, é um Npred, ou nome concreto de ação, ou nome abstrato, apresenta o traço [-alienável] e o determinante não é livre (**a minha, *a imaginação*); **SN2** é uma atividade (*nessa tarefa*), logo, CVL de modo.

Exemplos:

(34) *Batendo, pregando, cortando ou lixando, ele põe perfeição no dia a dia*

(35) *Ele é uma pessoa muito séria, que põe organização em tudo o que faz [...]*

A paráfrase adequada para essa construção é: **x** faz algo de **n** [maneira].

4.2.2 CVL de comunicação

(36) *O teórico põe questões para o investigador*

Suj> agente/desencadeador **[PÔR]** **SN1**>esp. de evento
a/para+**SN2**> meta (da comunicação)

Em (36), **SN1** não tem sentido literal (*questões*), apresenta o traço [-alienável] e o determinante não é livre (**as suas questões, *as nossas questões*), então: construção com verbo leve; **SN2** recebe o papel de *receptor (investigador)* de um *evento comunicado* (especificador de evento), isto é, meta da comunicação, logo: CVL de comunicação.

A seguir, outros exemplos:

(37) *Ela também põe dúvidas sobre os depoimentos que bingueiros têm dado a Mansur e à polícia de São Paulo*

(38) *É importante pôr questões problematizadoras*

4.2.3 CVL de mudança de estado

(39) *Para criar a imagem do personagem, que precisava “colocar terror nos corações dos criminosos”*

Suj> agente/desencadeador **[PÔR]** **SN1**> esp. de evento *em/a*
+ **SN2**> afetado

Em (39), **SN1** não tem sentido literal (*terror*), é um *Npred*, ou nome concreto de ação, ou nome abstrato, apresenta o traço [-alienável] e o determinante não é livre (**o meu terror, *o seu terror*); **SN2** é um *afetado (no coração dos criminosos)* então: então: CVL de mudança de estado.

A construção do tipo *impor condições* se enquadra na representação acima. Faça isso porque, em última instância, o objeto pelo qual a condição é imposta é

afetado pela *imposição*. Separar em dois papéis semânticos distintos, por exemplo, *elemento pelo qual recai uma imposição*, me parece desnecessário, por justamente tentar simplificar a análise o máximo possível.

O quadro abaixo representa os nomes presentes nas construções com o verbo leve **pôr** na posição de **SN₁**, com seus respectivos exemplos e está organizado por ordem de frequência dos nominais com mais de 5 ocorrências no corpus.

<i>NPred</i>	Exemplo
fim	<i>Alagoano e Série C Em 2008 o CSA pôe fim ao jejum de 9 anos sem títulos na primeira divisão [...]</i>
fogo	<i>Os Kaiabi punham fogo nos pertences dos brancos.</i>
ordem	<i>[...] o governo faz um gigantesco esforço para pôr ordem em suas contas</i>
termo	<i>Era preciso pôr termo à segregação legal de Estado [...]</i>
dinheiro	<i>[...] o BC teve que pôr dinheiro em agências em Nova York para evitar ação do Fed</i>
ênfase	<i>Sachs pôe ênfase no papel da geografia [...]</i>
limites	<i>[...] sentem a necessidade de alguma instância que possa pôr limite a este excesso.</i>
culpa	<i>Dirigente pôe culpa na reação da torcida</i>
números	<i>Põe números alarmantes nesse capítulo ambiental.</i>
comida	<i>Quem pôe comida no seu prato?</i>
obstáculos	<i>[...] a igreja católica romana punha obstáculos na aprendizagem das ciências</i>
ponto final	<i>Também se lhe via como o que punha ponto final às tiranias e os factos injustos [...]</i>
freio	<i>[...] sendo ela a única pessoa que consegue pôr freio às suas loucuras.</i>
medo	<i>[...] põe medo nos bandidos.</i>
defeito	<i>Seria um pesadelo para ninguém pôr defeito.</i>
nome	<i>Quando se põe nome às coisas [...]</i>
apelido	<i>Punha nome, apelido, debochava...</i>
acento	<i>Lembre-os de pôr acento agudo em SAÚDE.</i>
dúvidas	<i>SCHWARCZ (2002, 190) mostra que modernistas punham dúvidas sobre o caráter elitista e europeizado (ou americanizado) da cultura brasileira</i>
música	<i>[...] põe música em alguns poemas de Antonio Machado.</i>
preço	<i>Quem põe preço no espírito revela bem seu compromisso ético, moral e intelectual.</i>
cor	<i>Picasso queria pôr cor, era muito colorista, mas concordou.</i>
empecilhos	<i>A governanta [...] também vai tentar pôr empecilhos na vida da bondosa Luz Clarita.</i>
barreiras	<i>A via acadêmica e racional põe barreiras na linguagem [...]</i>
força	<i>Precisamos pôr força no projeto!</i>
letra	<i>Erasmus está pondo letra em música de Rick Ferreira [...]</i>
limite	<i>[...] sentem a necessidade de alguma instância que possa pôr limite a este excesso.</i>
luz	<i>Esta repórter finalmente pôe luz sobre a questão: é tudo papo-furado.</i>
armas	<i>[...] seria como pôr armas nas mãos do inimigo.</i>
obstáculo	<i>E está disposta a tudo para pôr obstáculos no caminho da protagonista</i>
paixão	<i>Cultiva uma inata polidez, mas põe paixão em tudo o que faz.</i>
término	<i>[...] tentou pôr término na questão das fronteiras.</i>

condições	<i>... o partido põe 4 condições para chegar a um acordo</i>
dificuldades	<i>O Segadas Viana punha dificuldades [...]</i>
pressão	<i>[...] já que põe pressão nas relações familiares.</i>
som	<i>Livro ensina a pôr som em home pages</i>
desafios	<i>A informalidade põe desafios que complexifica o cotidiano de pais e mães de família.</i>
destaque	<i>Pitta procurou pôr destaque [...] na suposta má gestão da petista na prefeitura</i>
disciplina	<i>Hartmann era um administrador, foi um homem que pôs disciplina no Anselmo</i>
emoção	<i>Ao contrário, põe emoção nas letras [...]</i>
entraves	<i>ou seja, os países não podem pôr entraves à sua circulação (Giraud, 1989, p. 273).</i>
erotismo	<i>[...] põe erotismo numa música quase folclórica.</i>
estímulos	<i>[...] a moderna tecnologia põe estímulos à aprendizagem</i>
legendas	<i>Simone Cristina Alvez põe legendas no «Jornal Nacional», da Rede Globo</i>
metas	<i>[...] não deveriam ser postas metas pessoais ou corporativas.</i>
sigilo	<i>CPMF põe sigilo em discussão [...]</i>

Quadro 1 - Nominais na posição de SN1 participantes das construções com o verbo leve pôr e exemplos

Fonte: <https://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=SAOCARLOS>

4.2.4 CVL inceptiva de condição

(40) *A publicitária Luize Oliveira, 27, teve que pôr sua determinação à prova por muitas vezes nas dietas pelas quais passou*

Suj> agente /desencadeador [PÔR] **SN1**> afetado em/a+**SN2**>
especificador de condição

Em (40), **SN2** é especificador de condição, então: **CVL inceptiva de condição**.

Abaixo apresento o quadro das ocorrências dos nominais na posição de em+ **SN2** por ordem de frequência, até 5 ocorrências.

<i>Npred</i>				
risco	xeque	execução	uso	prática
causa	contato	cena	operação	perspectiva
liberdade	movimento	vigor	andamento	efeito
perigo	juízo	dia	pauta	disputa
evidência	juízo	exame	espera	segurança
destaque	relevo	análise	cotejo	valor
questão	ação	disponibilidade	quarentena	contraste
debate	funcionamento	cheque	situação	produção
votação	circulação	órbita	primeiro	harmonia
foco	serviço	sautor	debandada	exibição

Quadro 2 - Nominais na posição de preposição *em* + SN (1 ou 2) participantes das construções com o verbo leve *pôr*

Fonte: <https://www.linguateca.pt/aceso/corpus.php?corpus=SAOCARLOS>

Esses exemplos demonstram como o verbo **pôr** pode mudar de um verbo pleno de colocação literal para um verbo leve que articula nuances abstratas. As diferentes construções destacam a riqueza do **PB**, evidenciando como a flexibilidade semântica do verbo contribui para expressar diferentes relações conceituais. Esses resultados demonstram também a flexibilidade e a riqueza semântica do verbo **pôr**, que pode indicar ações físicas ou estados abstratos, dependendo dos papéis temáticos e da interação entre os constituintes sintáticos. Sendo assim, a análise confirma a importância do verbo leve ou verbo suporte na língua portuguesa, pois ele contribui para a formação de construções complexas, com nuances que vão além do uso literal.

Conclusão

A análise das construções com o verbo **pôr** evidencia sua dupla funcionalidade: pode atuar tanto como verbo pleno quanto como verbo leve, sendo este último resultado de uma complexa interação entre semântica e sintaxe. Nas construções de colocação literal, **pôr** denota uma transferência concreta de uma entidade (t_{tema}) para uma $meta$ de natureza física, ressaltando o papel de $agente$ do sujeito. Em contraste, nas construções com verbo leve, o significado se dissocia da ação física e passa a expressar estados, condições ou modos de agir, destacando papéis temáticos como especificadores de evento, receptores, desencadeadores e afetados.

Essas construções demonstram a função estruturante e flexível de **pôr**, que se combina com diferentes nomes predicativos (NPred), como *fim*, *fogo* ou *ordem*, para veicular nuances semânticas diversas. A análise confirma o papel central do verbo leve na gramática do português, evidenciando significados que transcendem a mera denotação literal.

Dado que muitas construções exibem idiosincrasias morfossintáticas, torna-se crucial examinar detalhadamente as propriedades de cada constituinte. Em estudos futuros, a busca será por capturar essas especificidades morfossintáticas de forma mais minuciosa, aprofundando a compreensão dessas combinações.

Agradecimentos

A autora agradece o apoio do Centro de Inteligência Artificial da Universidade de São Paulo (C4AI-<http://c4ai.inova.usp.br/>), financiado pela IBM e pela FAPESP (processo#2019/07665-4). Este projeto também foi apoiado pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações, com recursos da Lei N. 8.248, de 23 de outubro de 1991, no âmbito do PPISoftex, coordenado pela Softex e publicado como Residência em TIC 13, DOU 01245.010222/2022-44

Referências Bibliográficas

COUTO, Marcella Monteiro Lemos. O estudo das valências verbais aplicado às construções de comunicação do português brasileiro. 2017.

DE OLIVEIRA PLAIS, Polyana Prates. A valência do verbo colocar e as diáteses de colocação. 2017.

DOWTY, D. Thematic proto-roles and argument selection. *Language*, v. 67, n.3, 1991. p. 547-619.

GOLDBERG, Adele E. *Construction grammar: a construction grammar approach to argument structure*. University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*. Chicago: Paperback, Oxford, 2006.

GROSS, M. *Méthodes en syntaxe*. Paris: Hermann, 1975.

GROSS, Maurice (1981). "Les bases empiriques de la notion de prédicat sémantique", *Langages* 63, pp. 7-53.

- LANGACKER, Ronald, W. *Cognitive Grammar: a basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. The metaphorical structure of the human conceptual system. *Cognitive science*, v. 4, n. 2, p. 195-208, 1980.
- LEVIN, Beth. *English verb classes and alternations: A preliminary investigation*. University of Chicago press, 1993.
- MEL'ČUK, Igor. Actants in semantics and syntax I: Actants in semantics. *Linguistics*, v. 42, n. 1, p. 1-66, 2004.
- MEL'ČUK, Igor. Support (= light) verbs. *Neophilologica*, n. 34, p. 1-30, 2022.
- MOURA, H.; MILIORINI, R. Para compreender uma intuição: Critérios para distinguir argumentos de adjuntos verbais. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 62, n. 3, 2018. DOI: 10.1590/1981-5794-1811-6.
- MOURA, Heronides. Frames e alternâncias sintáticas: como o metafórico depende do literal. In: MOURA, Heronides; MOTA, Mailce; SANTANA, Ana Paula. *Cognição, léxico e gramática*. Florianópolis: Insular, 2012.
- MOURA. *Significação e contexto*. Florianópolis: Insular, 1999.
- MOURA. Elementos nucleares de frame e a interpretação de metáforas. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 55, n. 1, 2013.
- PERINI, Mário A. *Estudos de gramática descritiva: as valências verbais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- PERINI, Mário A. *Describing Verb Valency: Practical and Theoretical Issues*. Springer Cham Heildeberg. New York, 2015.
- PERINI, Mário A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- PERINI, Mário A; OTHERO, Gabriel. Corpus, introspecção e o objeto da descrição gramatical. *Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 35, n.59,jul.-dez., 2010. p. 2-12.
- PERINI, Mário. *Thematic Relations: A Study in the Grammar-Cognition Interface*. Springer, 2019
- RANCHHOD, Elisabete Marques. *FLUL/CAUTL*. 2021.
- RODRIGUES, Roana. Contribuições para um léxico-gramática das construções locativas do espanhol. 2019.
- RODRIGUES, Roana; VALE, Oto Araújo; BAPTISTA, Jorge. Relações formais entre expressões cristalizadas e as construções verbais locativas livres. *Revista do GELNE*, v. 21, n. 1, p. 47-62, 2019.

RODRIGUES, Roana; BAPTISTA, Jorge; VALE, Oto. Análise contrastiva da classificação sintático-semântica dos verbos locativos no Português do Brasil e no Português Europeu. In: *Anais do X Simpósio Brasileiro de Tecnologia da Informação e da Linguagem Humana*. SBC, 2015. p. 233-240.

TALMY, Leonard. The fundamental system of spatial schemas in language. From perception to meaning: *Image schemas in cognitive linguistics*, v. 29, p. 199-234, 2005.